

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 4 - JANEIRO 2013 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2012

A formação do professor

N.º2 • NOVEMBRO 2012

Diálogo igualitário

N.º3 • DEZEMBRO 2012

Inteligência cultural

N.º4 • JANEIRO 2013

Transformação

N.º5 • FEVEREIRO 2013

Dimensão instrumental

N.º6 • MARÇO 2013

Criação de sentido

N.º7 • ABRIL 2013

Solidariedade

N.º8 • MAIO 2013

Igualdade de diferenças

N.º9 • JUNHO 2013

**Transferibilidade das
atuações educativas
de êxito**

EDUCAR E TRANSFORMAR



BLAS SEGOVIA AGUILAR/ PROFESSOR
DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE CÓRDOBA.

Afirma Paulo Freire que somos seres em transformação e não em adaptação (1997). Esta observação – reflexo do pensamento de um dos pedagogos mais influentes na educação e nas ciências sociais atualmente – nos aproxima de um dos princípios de sustentação da aprendizagem dialógica (Aubert, Flecha, García, Flecha, & Racionero, 2009; Flecha, 1997): a transformação.

As reformas educacionais mais recentes favoreceram o desenvolvimento de práticas escolares que sustentam processos de adaptação, promovendo o modelo darwinista social e retirando da ação educativa o seu potencial utópico e transformador. Amparados pela teoria da reprodução (Bourdieu & Passeron, 1981) – que defende que a escola não pode

intervir na superação da desigualdade – e pelo pensamento pós-moderno e neoliberal – reforçando a necessidade de potencializar a seleção dos melhores e a consequente privatização dos sistemas educacionais – foram impostos modelos educacionais que favorecem as desigualdades através do desenvolvimento de um duplo currículo: o do esforço e da competição para os alunos de classes favorecidas; e o da felicidade e sociabilidade destinado aos alunos com deficiências ou de bairros com dificuldades sociais, econômicas e culturais. Estas tendências foram concretizadas em programas e práticas como a educação compensatória ou as adaptações curriculares excludentes. Dessa forma, o potencial de transformação social e individual da pedagogia foi deslocado.

Enquanto isso, nas ciências sociais foi sendo produzido um novo enfoque protagonizado pela perspectiva dialógica que tem

se consolidado como uma alternativa para a compreensão das dinâmicas sociais (Castells, et al., 1994). Um fruto disso é a progressiva implementação de programas educacionais que são desenvolvidos em diferentes países tomando como referência o diálogo e a participação comunitária na ação educativa. As comunidades de aprendizagem, entre outros, são exemplos disso.

Em todos esses programas a aprendizagem dialógica aparece como um dos elementos básicos para reorientar as práticas escolares. Dessa forma, é desenvolvida uma escola inclusiva cuja meta prioritária é a concretização do êxito escolar para todos e todas com a participação da comunidade e ainda é promovida a superação das desigualdades sociais que afetam os grupos mais desfavorecidos.

O princípio de transformação é um elemento destacável da obra de Lev S. Vygotski (2000; Vygotski & Kozulin, 2001), assim como em toda a psicologia histórico-cultural (Cubero & Ramírez Garrido, 2005) que é desenvolvida a partir das teses deste autor. Nos interessa destacar dois aspectos em relação ao desenvolvimento dos processos psicológicos superiores por sua relação com a educação e a transformação. Vygotski defende que, nos processos que afetam a evolução da pessoa – ontogênese –, é estabelecida uma relação dinâmica entre o indivíduo e a cultura, de modo que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a linguagem ou o pensamento, dependem, no primeiro momento, das relações interpessoais que a criança estabelece com os outros, para, depois, transformar-se em um processo intrapessoal (Vygotsky, 2000). Dessa relação dialética entre o que é social e, depois, o individual, depende o desenvolvimento e a aquisição de ferramentas como a linguagem.

O segundo aspecto se refere à relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Contrariamente às teses que sustentam que o desenvolvimento precede e é necessário para que sejam produzidas aprendizagens, Vygotski defende que o processo evolutivo vai à reboque do processo de aprendizagem. Isso não quer dizer que sejam processos independentes, mas que, em sua unidade, uma – a aprendizagem – é convertida no outro – o desenvolvimento – mediante os processos de internalização.

Estas contribuições, distantes das interpretações apócrifas de Vygotski como defensor da adaptação, supõem que a aprendiza-

gem deve ser desenvolvida em contextos ricos em interações entre o menino ou menina, seus iguais e as pessoas adultas para favorecer ao máximo a Zona de Desenvolvimento Potencial. Quando isso ocorre, a aprendizagem se torna um agente transformador do próprio desenvolvimento.

A aprendizagem dialógica se sustenta, entre outros, no princípio de transformação, pois, para superar as desigualdades derivadas de contextos de depressão cultural e econômica ou causadas por deficiências pessoais, é necessário transformar as escolas para oferecer essas aprendizagens que favorecem o desenvolvimento; aprendizagens que, nas comunidades de aprendizagem, denominamos como pedagogia de máximos, uma pedagogia que transforma as dificuldades em possibilidades.

Os processos transformadores que são produzidos nas comunidades de aprendizagem afetam diversos âmbitos, pois são múltiplos e sistemáticos. Podem ser concretizados em: relações da escola com o entorno; organização institucional da escola, e naquilo que afeta as pessoas relacionadas com experiência de aprendizagem e convivência.

Sobre as relações entre a escola e seu entorno, destacamos a participação de familiares e do voluntariado como agentes de transformação da cultura escolar. A participação de familiares e do voluntariado na gestão do centro escolar, participando nas diversas comissões e nas atuações educativas de êxito, repercute significativamente na percepção que a própria comunidade tem sobre a função social da escola, modificando atitudes e expectativas de pessoas adultas e escolares sobre os valores da aprendizagem e a educação, potencializando uma verdadeira cultura da ação transformadora. Estes ciclos transformadores se espalham pelo âmbito familiar e pelo bairro, provocando ações transformadoras como veremos nas experiências narradas a seguir.

Outro aspecto destacável em relação à organização afeta a concretização das atuações educativas de êxito (INCLUD-ED Consortium, 2011). A organização da sala de aula e dos tempos escolares precisa ser adequada para favorecer a cooperação e a participação de familiares e do voluntariado quando são realizadas atividades com grupos interativos ou as tertúlias literárias dialógicas, o que supõe que se deve transformar o modelo tradicional de organização espaço-temporal, ao mesmo tempo em que é exercitado um novo modelo comunicativo próprio das salas de

aula inclusivas. Tudo isso se torna um importante agente de transformação para a cultura profissional dos professores, que desenvolve novos papéis próprios de modelos escolares adequados para a sociedade da informação.

No âmbito pessoal, focando no aluno, os processos transformadores repercutem diretamente na autotransformação que favorece a concretização da aprendizagem dialógica. A riqueza das interações que são experimentadas nos processos de aprendizagem com pessoas adultas e com os iguais, assim como a diversidade de referências externas que proporcionam os voluntários e voluntárias, acrescentam a riqueza desse diálogo interno permanente que deve existir entre o “eu” e o “me” (Mead, 1973) ou os já mencionados processos de aprendizagem e desenvolvimento (Vygotski, 2000), tão necessários para a construção social e individual da pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2009). *Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información*. Barcelona: Hipatia.
- Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1981). *Reproducción: elementos para una teoría del sistema de enseñanza* (2a ed.). Barcelona: Laia.
- Castells, M., Flecha, R., Freire, P., Giroux, H., Macedo, D., & Willis, P. (1994). *Nuevas perspectivas críticas en educación*. Barcelona: Paidós.
- Cubero, M., & Ramírez Garrido, J. D. c. (2005). *Vygotsky en la psicología contemporánea: cultura, mente y contexto*. (1a ed.). Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Cole, M.; Scribner, S. (1977): *Cultura y pensamiento. Relación de los procesos cognoscitivos con la cultura*. México: Limusa.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras. El aprendizaje de personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (1997). *A la sombra de este árbol*. Barcelona: El Roure.
- INCLUD-ED Consortium (2011). *Actuaciones de éxito en las escuelas en Europa*. Madrid: Ministerio de Educación. Subdirección General de Documentación y Publicaciones.
- Mead, G. H. (1973). *Espíritu, persona y sociedad: Desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona: Paidós.
- Vygotski, L. S. (2000). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.
- Vygotski, L. S., & Kozulin, A. (2001). *Pensamiento y lenguaje* (1a. ed.). Barcelona Paidós.

A TRANSFORMAÇÃO FAMILIAR EM COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

JUANA MARTÍN/DIRETORA DO CEIP CRUZ BLANCA

Daqui da serra, em Aznalcóllar, e rodeada de numerosas planícies, ao lado de Sevilla, no CEIP Cruz Blanca, queremos transmitir uma das múltiplas experiências que respiramos, no dia a dia, em nossa comunidade de aprendizagem (CA), esperando que anime, nestes momentos difíceis pelos quais atravessamos os fundamentos da sociedade que é a educação, em geral, e a educação pública, em particular, os fundamentos de nossa sociedade.

Somos um centro escolar pequeno com 11 unidades que iniciamos nossa caminhada, vacilante no começo e mais decidida depois, na direção de uma comunidade de aprendizagem. Desde então toda a equipe de trabalho, sempre instável, continuou a cada ano a formação, tanto recebendo através do CEP como participando e compartilhando experiências de êxito que pusemos em prática em nosso centro, como são as tertúlias literárias dialógicas (TLD) e os grupos interativos (GI), em inglês, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental I.

Nosso centro escolar trabalhou desde o início com todas as experiências: GI, TLD, comissões mistas, etc.; atuações que não teriam sido possíveis de concretizar sem a participação do voluntariado, familiares, etc. Por isso, um trabalho que desenvolvemos no dia a dia é a conquista de novos familiares. É uma opinião generalizada entre os professores, e amplamente constatada, que a aprendizagem integral da pessoa obtém seus melhores resultados quando há uma profunda interação entre os três setores principais que incidem sobre os alunos (escola, família e entorno). A melhor coisa que pode acontecer nas CA é, precisamente, que esta interação que sempre desejamos, hoje está presente em nosso centro escolar. Todos e todas se nutrem de todos e todas; nada melhor para entender a escola que “colocar os dois pés dentro”. O projeto de CA possibilita essa interação de maneira natural. [INSERIR IMAGEM] Que melhor



interação e coordenação do que passar pela experiência da aprendizagem ao lado de nossos meninos e meninas, participando de seus progressos, de seus conhecimentos, do desenvolvimento da autonomia e das competências, trocando palavras, jeitos, vivências, aprendizagens, culturas, vidas...

Nós somos, evidentemente, conscientes de que, dentro das práticas metodológicas da CA, a participação de familiares e do voluntariado é uma das que podem apresentar dificuldades para os professores que entram a cada ano no corpo docente, já que é preciso compartilhar a sala de aula com os familiares e/ou voluntariado e isso pode produzir o medo ao desconhecido e à novidade.

No nosso centro escolar, poderíamos falar da transformação que se dá tanto nos docentes como nos alunos, que a cada ano letivo se mantém e aumenta, ao vivenciar aprendizagens e preparar-se para a vida. Mas a coletividade sobre a qual queremos falar são as famílias que colaboram no centro escolar, já que tem sido a transformação mais evidente que temos “sentido” e vivenciado. Com o desgaste que se sofre quando muda a equipe de trabalho, quando a cada ano letivo se vê que é preciso começar de

novo, quando o barco que dirigimos tem que atracar em um novo porto, são os familiares e os meninos e meninas que geralmente não mudam e continuam lá apoiando, ao teu lado, aprendendo e ensinando, motivando, compartilhando, oferecendo... tanto! Às vezes contribuem com essa energia e com a vontade de continuar e de vencer as vicissitudes que se colocam como obstáculo no caminho, porque todos unidos nos sentimos fortes para criar e planejar expectativas mais altas que direcionem nossas convicções e ilusões, em definitiva, nossos objetivos, nossos sonhos.

Creemos que, transformando os familiares, estamos transformando ao mesmo tempo nossos alunos e, conseqüentemente, o entorno e a sociedade em que nos desenvolvemos. Por isso, sempre que possível, mantemos reuniões periódicas onde todas e todos juntos avaliamos o projeto, as atividades, sua participação e valorizamos pessoalmente o trabalho deles.

Ainda que possamos contar com um grande número de famílias colaboradoras, vamos focalizar em duas concretamente, já que consideramos que são os dois exemplos mais evidentes de transformação. Ambas não

têm nenhum diploma acadêmico e, mesmo que tenham autorizado a publicação dos seus nomes, decidimos chamar as famílias de A e B. Mesmo sem diplomas acadêmicos, junto com as demais pessoas colaboradoras, as duas famílias conseguiram realizar um dos sonhos mais frequentes entre os docentes: a interação e o envolvimento da família na escola. Além disso, pudemos comprovar como evoluíram seus filhos e filhas e como trabalharam feito duas boas professoras. Para ver a transformação só é preciso pensar que eram pessoas que viam o colégio “de fora”, assim como seus maridos, como elas mesmas dizem. Hoje elas falam assim:

Mãe B:

“O fato de que me modifique não tem nada a ver porque, pra mim, pode mudar o colégio, mas, a minha casa, não, e eu vou continuar tendo os mesmos problemas... mas, desde que ele entrou aqui, no ano passado, a coisa já não é mais a mesma... eu te dou uma explicação informal mas a do colégio é mais bonita, são experiências que se vivem no colégio que, para mim, têm significado muito... minha filha já mudou muito desde que eu estou aqui... o colégio me ajudou muito a demonstrar, pra mim mesma, que eu sei... hoje entendo muitas coisas que antes eu não podia entender. Depois de três anos, alguma coisa

fica...me ensinaram a saber escutar e eu faço isso no colégio e em casa com minhas filhas”.

A mãe A teve uma infância e uma adolescência difíceis que fizeram com que ela abandonasse os estudos que, agora, depois de alguns anos, ela se arrepende e sonha em retomá-los, participando em tudo que a escola oferece. Ela passou por tanta mudança que passou a ter seus filhos sob cuidados e proteção de sua sogra, pois ela perdeu sua mãe muito cedo, e agora passou a reconstruir seu sentimento de maternidade, a necessidade de ser ela quem dirige o rumo dos seus filhos, chegando a precisar de ajuda psicológica (oferecida pelo centro escolar). Segundo ela mesma relata, ela recuperou o norte e agora o seu sonho mais desejado é recuperar o tempo perdido com seus filhos. Todos esses aspectos ela já conseguiu e chegou a entendê-los através da escola. Sem dúvidas a atitude de A, que passou a ser “mais uma do colégio”, repercutiu de forma e maneira desenfreada nos dois filhos que se encontram em nossa comunidade.

Assim escreve a mãe A sobre suas sensações:

“(…) o que começou como uma colaboração acabou como uma luz no fim do túnel. Para mim, a realidade é a que eu vivo com eles e não o que se vê nas ruas... É

inacreditável como mudou a minha vida, a vontade de viver, a força que eu tenho para seguir adiante, enfrentando meus medos, eles me ensinaram a viver... aprende-se muito com eles... também queria aproveitar para agradecer os educadores... porque eles dão o couro por nossos filhos”.

Escutá-las falar é motivador, enteneceador, triste e alegre ao mesmo tempo. Quando ouvimos contar sobre suas mudanças, sobre como a escola transformou suas vidas, pensamos: somente por ter sido capaz de transformar a vida, os sentimentos, a auto-estima desta pessoa, valeu a pena empreender e colocar em prática nosso projeto iniciado lá pelos anos letivos de 2006-2007, momento em que foi pedido a elas que escrevassem sobre a transformação que haviam experimentado e que colocamos aqui.

Escutar estas duas mães é como escutar uma história de magia que, para nós mesmos é difícil acreditar. O entusiasmo delas pela escola é contagioso e estimulante para todos os que trabalham aqui diariamente. Suas caras, seus gestos, suas expressões e seus compromissos formam já, efetivamente, parte de nossa comunidade e será uma roda que vai girando... E vai girar na família delas... no entorno e na comunidade. Simplesmente um sonho conquistado.

TRANSFORMAÇÃO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA LEOPOLDO CANO

EVA ÁLVAREZ DE EULATE (DIRETORA), ANA DÍAZ (COORDENADORA DE ESTUDOS), JUAN CARLOS GARCÍA (ORIENTADOR), SOLEDAD BUSTAMANTE, CRISTINA DÍEZ, ELENA GUTIÉRREZ, EUSEBIO MARTÍN, CELIA RUIZ E ALBA TOBAL (EQUIPE DA CA) IES LEOPOLDO CANO

Desde que, no verão de 2009, no curso “Resultados Escolares” (dirigido por Pedro Badía na Universidad Internacional Menéndez Pelayo), Ramón Flecha expôs as experiências de êxito das comunidades de aprendizagem em centros educacionais de diferentes entornos e as contribuições derivadas do Projeto INCLUD-ED, no IES Leopoldo Cano de Valladolid começaram a surgir novas questões e objetivos.

A OPORTUNIDADE DA MULTICULTURALIDADE A NOSSO FAVOR

O IES Leopoldo Cano oferece estudos de “ESO” e “Bachillerato”, no seu currículo normal e currículo bilíngue em francês, e Educação à Distância para Pessoas Adultas. A heterogeneidade e multiculturalidade dos alunos do nosso centro escolar é uma vantagem para educar os cidadãos e cidadãs do século XXI. Nosso objetivo: saber potencializar aprendizagens, convivência e interações entre os membros da comunidade educativa e entre estes e o entorno. Nosso enfoque está baseado nas altas expectativas de êxito como referências para orientar os alunos para os melhores resultados, partindo da filosofia de comunidades de aprendizagem e das atuações

educativas de êxito estabelecidas pelos resultados do Projeto INCLUD-ED.

SABER RECONHECER UM MOMENTO DE INFLEXÃO

No nosso centro escolar se concretizou um Plano Estratégico para dois anos (2010-2012) para abordar a melhora da convivência e dos resultados escolares ajudados pelo poder transformador do Plano de Formação do Professor em Centros realizado com o CFIE de Valladolid, com várias linhas (convivências, estratégias de aprendizagem, competência linguística – Projeto Linguístico de centro escolar e aplicação das TIC aos processos educacionais), e por um protocolo de atuação que agilizava o tratamento dos problemas de convivência. Graças à in-

formação exaustiva recebida pelo CREI CyL (Centro de Recursos de Educación Intercultural de la Consejería de Educación de Castilla y León) foi proposta, entre a equipe de diretores e alguns professores e professoras, a possibilidade e a pertinência de começar um processo de transformação do centro escolar em comunidade de aprendizagem. Depois de analisar os resultados e a situação do centro escolar, chegou-se à conclusão de que este tinha a maturidade suficiente para enfrentar o processo de mudança na organização que supõe a remodelação das funções dos professores; do trabalho em sala de aula; do papel da biblioteca – com trajetória e protagonismo importantes no centro escolar –; da colaboração da Associação de Voluntários do centro Rigoberta Menchú; da participação das famílias (propiciada por uma comunicação fluida e frutífera, pelo Programa Experimental RELEO da Secretaria de Educação de Castilla e León) e das relações com o entorno, impulsionadas especialmente nos últimos anos. A resposta foi realmente favorável e foi assumido o compromisso pelos professores para realizar a formação na primeira semana de setembro. O que em princípio parecia quase impossível, dadas as necessidades dos centros escolares de Ensino Médio, em setembro terminou sendo naturalmente fácil, tornando compatíveis as provas e outras atividades com sessões de formação. Através dos professores da Facultad de Educación y Trabajo Social de la Universidad de Valladolid e com o apoio do CREA de Barcelona, do CREI CyL e do CEIP Miguel Íscar, de Valladolid, foi concretizada a sensibilização, formação que se caracterizou pelo entusiasmo de seus participantes.

UMA TRANSFORMAÇÃO BASEADA EM TRÊS ATUAÇÕES DE ÊXITO

O final da formação marcou a decisão, compartilhada pela maioria, de iniciar o processo transformador do IES Leopoldo Cano em uma comunidade de aprendizagem, estabelecendo três atuações como objetivo: os grupos interativos em algumas matérias (Matemática, Inglês, Ciências Sociais e Ciências Naturais para as séries iniciais, Física e Química para as séries intermediárias), as leituras dialógicas com os alunos e com as famílias e a biblioteca tutorada. [INSERIR IMAGEM] Vistos os resultados da primeira avaliação e o transcurso deste primeiro trimestre, constatamos as seguintes evidências:



1. Os grupos interativos melhoram a convivência, a atenção, o trabalho pessoal e em equipe e os resultados dos alunos, transformando o ambiente do centro escolar.

Elena Gutiérrez, professora, afirma: “Concretizamos, no 2o. de ESO, os grupos interativos de Matemática, há dois meses. O resultado até agora é muito positivo: durante os 50 minutos eles trabalham muito bem, sem interrupções de nenhum tipo, seu comportamento é muito melhor do que numa aula normal, eles não se distraem e a atenção no que estão fazendo é contínua. Observo, como professora, que eles trabalham mais, fazem muito mais exercícios do que na aula normal e, portanto, os conteúdos da matéria se fixam muito mais. Os alunos adoram esse jeito de trabalhar. Nota-se uma melhora nos resultados das notas nesta primeira avaliação”.

Celia Ruiz, professora de Inglês, ressalta: “Os alunos já se acostumaram. Quando eu fiz uma sondagem sobre o dia da fase do sonho, eles me disseram: ‘Podemos sonhar com trabalhar em grupos em todas as matérias?’ É incrível a rapidez com que as crianças aprendem a trabalhar desse jeito. A tarefa do professor é muito mais relaxada, mais gratificante. Faz com que o professor se aproxime dos alunos e isso dá “mais poder para ensinar”. Pude constatar que a prática é contagiante, já que a colega que dá apoio na minha sala começou a organizar a sala dela em grupos quando eu fico de apoio para ela.

Ainda temos muito caminho pela frente, como conseguir que eles se ajudem mais entre si e nós aprendermos a não intervir tanto. O método proporciona uma aprendizagem mútua que não deve ser desperdiçada. Em pouco tempo a prática validou toda a teoria que tínhamos aprendido sobre o método”.

2. A participação do voluntariado na sala de aula é enriquecedora.

Celia também afirma: “Os voluntários que frequentam as aulas de Inglês se chamam Sandra, Esther e Jesús. Todas as quartas-feiras eles interrompem suas atividades na faculdade para trabalharem com duas turmas de 1o. ESO. Eles organizam a classe em três grupos. O papel deles é cuidar para que cada grupo trabalhe de maneira interativa e os alunos se ajudem entre eles; os conhecimentos de inglês que eles têm são úteis. Eles se adaptam a qualquer grupo, seguem as instruções ao pé da letra, as crianças consideram que eles formam parte da classe, tratando-os com o mesmo respeito e confiança que seu professor. Ficam com saudades deles quando eles não vêm. Às vezes deixamos a porta aberta e um professor de plantão se aproxima e se espanta. Cada grupo está tão imerso no seu trabalho que nem sequer o percebem; não se levanta nenhuma cabeça. O professor se pergunta como isso é possível, mas a verdade é que este pequeno milagre não poderia nunca acontecer sem eles, nossos voluntários. Na quarta-feira, 12 de dezembro, foi o dia do

voluntariado. Apenas pudemos oferecer-lhes um grande aplauso. Espero que tenha sido suficiente para compensar todo o apoio que eles nos prestam”.

3. As leituras dialógicas aproximam as pessoas, criam vínculos e transformam a percepção de pertencer a uma comunidade.

“O grupo está composto de ex-alunas, mães de alunos, professoras e uma voluntária da Universidad de Valladolid. Desde a segunda semana de trabalho não passa

um dia sem que um aluno venha comentar como sua mãe está contente com o grupo de leitura. A leitura escolhida foi Édipo Rei, já que ninguém tinha ainda encarado a literatura clássica e elas pensavam que seria uma boa oportunidade para fazê-lo em grupo. A partir da leitura falamos sobre nossas crenças, sobre nossas paixões, sobre a forma com que cada uma encara a vida. Há uma notável empatia. Na próxima semana vamos terminar a leitura; iniciare-

mos outra, outra aventura em comum”, diz a professora coordenadora.

UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA E ESPERANÇOSA

Preparamos agora com entusiasmo a fase do sonho e a biblioteca tutorada, com participação das famílias e agentes sociais do entorno do centro escolar. Apoiados pela Administração educativa, caminhamos juntos para uma transformação que é percebida pela comunidade como positiva e esperançosa.

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E TRANSFORMAÇÃO DO ENTORNO

JOSÉ ROBERTO MARTÍNEZ (DIRETOR) E
AITOR ZENARRUZABEITIA ARTAMENDI
(COORDENADOR PEDAGÓGICO) / COLÉGIO
CABALLERO DE LA ROSA (LA RIOJA)

Em outubro de 2012, nosso centro escolar, o “Colegio Caballero de la Rosa”, de La Rioja, decidiu começar um Projeto de Formação de Centro em colaboração com o Centro de Professores, para fazer a transformação em comunidades de aprendizagem. Neste projeto diversos professores, assessores e diretores de centros escolares nos quais já funciona este modelo pedagógico explicaram tudo sobre as comunidades de aprendizagem. O colégio ofereceu algumas palestras abertas a quem quisesse vir. Nosso colégio, da Educação Infantil até o Fundamental I, participa de forma ativa em um projeto de Intervenção Comunitária Intercultural (ICI). Neste projeto, fazemos intervenções em um grupo numeroso de espaços técnicos do bairro, em diferentes setores: educação, saúde pública, economia, administração pública, educadores de bairro, associações, etc. Evidentemente, grande parte das entidades que trabalham no projeto ICI participaram da formação.

Quando, no mês de março, nossa comunidade educacional toma a decisão de transformar-se oficialmente em comunidade de aprendizagem, um número elevado destas entidades começa a colaborar de forma ativa no centro escolar. Assim, nos grupos interativos, participam semanalmente cerca de 40 voluntários e voluntárias do entorno sociocultural: os próprios coordena-

dores do projeto ICI, bem como educadores e educadoras de rua e diversas pessoas relacionadas com algum espaço técnico do bairro; com isso, a relação e a coordenação entre as entidades e a escola melhorou bastante. Evidentemente nosso centro escolar continua colaborando de forma ativa com todas as atividades que esse projeto propõe, como Ruas Vivas ou Comércio Interculturais.

Por outro lado, a situação geográfica do colégio, praticamente toda no campus da Universidad de la Rioja, facilitou a participação dos alunos do Magistério no centro escolar. Assim, os alunos que participam das práticas no colégio são muitos há vários anos, sendo que o maior número de participantes, proporcionalmente, é de La Rioja. Mesmo assim, esporadicamente, o curso técnico de Magistério solicitou a realização de alguma unidade didática no centro escolar.

Depois da transformação do centro escolar em comunidade de aprendizagem, as relações com os alunos do Magistério da Universidad de La Rioja tornaram-se cotidianas. Nos grupos interativos, por exemplo, participam 32 alunas e alunos universitários, alguns deles frequentam duas horas por semana, e, por isso, compensam créditos acadêmicos. Além disso, às terças e quintas-feiras à tarde, fora do horário escolar, começamos uma atividade pedagógica dirigida aos alunos de 1ª a 3ª séries, pois os estudantes de séries maiores já são beneficiados por este tipo de apoio com o PROA (Programa de Acompanhamento Escolar). Estas atividades são controladas pelos alunos da universidade, em pequenos grupos e

com a assessoria dos tutores correspondentes. Às terças-feiras, 15 estudantes do Magistérios, e 14 às quintas-feiras, ajudam os alunos do colégio cujos tutores consideram que seja necessário, na biblioteca tutorada.

Outra contribuição que realizam nossos vizinhos universitários consiste em que, uma vez por trimestre, os alunos da matéria de Ciências Naturais, oferecem aulas no centro escolar no estilo de grupos interativos, assim como sua professora e os tutores do nosso centro escolar previamente combinaram.

Além disso, esta relação é bidirecional, de modo tal que, este ano, os professores, os alunos e os familiares do colégio passaram em duas ocasiões para explicar em que consiste o projeto de comunidades de aprendizagem para alunos e alunas de diferentes especialidades do Magistério. Em geral, é bastante significativo o interesse despertado na Universidade com tudo o que é relacionado às ações ou estratégias educativas de êxito, propostas pelo nosso modelo de ensino.

Guardamos para o final a transformação que foi o pressuposto da conversão em comunidade de aprendizagem no entorno mais próximo: as famílias. Nos últimos anos, experimentamos no colégio um descenso considerável das famílias participantes da Associação de Pais e Mestres. Este descenso era mais significativo quando falávamos das famílias que realmente participavam das atividades preparadas pelos professores e inclusive por eles mesmos. Isto era refletido no estado de ânimo dessas pessoas, estavam desiludidas, com vontade de abandonar, etc.

A transformação comunitária desenvolvida no centro escolar tinha como expectativa um aumento considerável das famílias colaboradoras dispostas a preparar e participar das atividades realizadas dentro e fora do horário escolar. Isto gerou uma expectativa de um grande impulso no centro escolar e se conseguiu efetivamente, entre outras coisas, renovar a esperança dessas outras famílias que já participavam do centro escolar e que passavam alguns anos investindo seu tempo livre com escassos resultados. Um instrumento que, sem dúvidas, conduz esta intensa participação são as listas de correios:

temos duas, uma para os professores e familiares que integram as Comissões Mistas (Gestão, Meio ambiente, Convivência, Cultura e Literatura) e outra para os 101 voluntários e voluntárias de grupos interativos. Através das listas, convocamos as reuniões, fazemos as atas, amadurecemos os assuntos e compartilhamos nossas expectativas sobre esta experiência.

Como conclusão, a transformação do centro escolar em comunidade de aprendizagem esperava dar um impulso nas relações que já tínhamos com o entorno. Relações que, em muitos casos, eram espo-

ráticas e correspondiam a uma necessidade concreta, seja do colégio ou de quem produzia esta relação, e agora passam a ser mais constantes, são bem programadas e bem coordenadas entre os docentes do centro escolar e o pessoal que colabora. Na mesma direção, foram incorporados na vida do colégio muitas contribuições de famílias, associações, espaços técnicos do bairro os quais, ao estarem convencidos de que este modelo educacional favorece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, unem seus esforços e esperanças, junto com agentes educacionais do centro escolar.

ORGANIZAÇÃO TRANSFORMADORA DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

VICENT MORENO / DIRETOR DO CEIP JAUME EL CONQUERIDOR

Para começar é preciso situar um pouco no nosso contexto: somos uma escola de Catarroja, na região Horta Sud, do País Valenciano, com duas linhas de imersão linguística e com famílias de classe média, em geral, e algumas exceções com baixo nível econômico. Em nosso processo de transformação houve muita influência da cultura participativa que já podíamos contar, pois há muitos anos letivos nós temos, na escola, o costume de pedir ajuda às famílias para realizar as oficinas da área artística da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Também é preciso destacar que a escola sempre teve uma relação bem fluida com a Associação de Pais e Mestres, junto à qual coordena, há mais de 20 anos, todos os sábados pela manhã, os “sábados de convivência”, nos quais são realizadas atividades de manutenção e decoração da pintura do pátio e melhoria do jardim. Estas atividades realizadas durante os sábados são fundamentais para ter um pátio tão bonito como o nosso. Além disso, ao meio dia, é oferecido um almoço coletivo preparado pelas cozinheiras da escola com o objetivo de que as famílias que trabalharam nesse dia se conheçam e entendam que a escola somos todos e todas e ela é feita entre todos e todas.

Buscando na memória, nas atas escolares, podemos ver como, em 2006, já se co-

meçava a falar em comunidades de aprendizagem. No âmbito municipal, tínhamos um projeto conjunto de educação inclusiva e coordenávamos uma sessão de formação para toda Catarroja sobre introdução à comunidades de aprendizagem com o CREA da Universidad de Barcelona. Como o conselho no nosso centro escolar teve alguns membros modificados, esta formação foi repetida, pois, algumas pessoas tinham o interesse de verificar se finalmente era possível concretizar o processo de transformação em comunidade de aprendizagem. Nas duas sessões comentadas, o único conselho escolar de Catarroja que decidiu levar adiante a transformação foi o nosso.

Como diretor da escola eu tenho que dizer que este assunto, assim como outros, precisa de gente que tenha esperança no projeto e que, com o apoio e o trabalho da equipe de direção do centro escolar, leve-o adiante. Além disso, é fundamental que estas pessoas saibam transmitir essa esperança para os demais colegas do conselho escolar. Este foi o nosso caso. A seguir vou explicar como foi o processo de transformação do nosso centro escolar e como chegamos ao ponto em que nos encontramos hoje.

Apesar de que, em nosso centro escolar, já se falava em comunidades de aprendizagem desde 2006, é no memorial de junho de 2011 que aparece a decisão de iniciar o caminho para a transformação. Para isso, nomeamos uma professora como coor-

denadora do projeto de comunidades de aprendizagem e começamos a concretizar a proposta na Programação Geral Anual do ano letivo 2011-2012. Para qualquer projeto é básico o fato de que uma pessoa seja a referência para o conselho escolar. É preciso que essa pessoa esteja permanente no centro escolar e que acredite firmemente no projeto de modo que, como dizia antes, ainda que o conselho se modifique, a esperança e o projeto estejam em ação e sejam mantidos. Outro ponto importante é a equipe de direção que, além de dar o apoio necessário, acredite no projeto e trace um plano de acolhimento dos novos professores que chegam ao centro escolar, de modo que eles saibam em que escola chegaram. Com esse acolhimento nós queremos espalhar nossa esperança para fazer uma escola melhor.

Entre setembro e outubro de 2011, a coordenadora relatou no conselho muitos dados concretos daquele ano letivo através de artigos e da bibliografia básica do projeto. Esta informação fica preparada para ser oferecida aos novos professores que vão entrando na escola. Durante o primeiro trimestre do ano letivo e nas férias, nos fins de semana, realizamos a formação dos professores com o objetivo de estarem sensibilizados para realizar uma mudança no sentido de uma comunidade de aprendizagem. Uma vez que terminamos a formação dos professores, planejamos algumas sessões de formação das famílias da escola, peça fun-

damental do projeto. Uma das coisas mais bonitas e interessantes foram as visitas a outras comunidades de aprendizagem que já estão nesse processo há bastante tempo. Para realizar estas visitas, combinamos com diferentes centros escolares, aproveitando os dias que nós tínhamos feriados e eles não. Os gastos da viagem foram assumidos pelos professores que decidiram ir. A ideia era conhecer diretamente uma comunidade de aprendizagem e como ver como tinha sido feita essa mudança. Além da participação da diretora da Escola Mare de Déu de Montserrat, de Terrassa, fizemos uma “visita de espionagem” em toda as regras da Lekeitio, da El Vendrell e da Granollers. Estas “visitas de espionagem” foram fundamentais para nós e as recomendamos em todos os casos, já que nos ajudaram a entender os passos que deveriam ser dados para a transformação em comunidade de aprendizagem.

No último trimestre do ano letivo de 2011-2012, realizamos uma formação de familiares, de modo que já poderíamos fazer as assembleias correspondentes para decidir conjuntamente se faríamos realmente a transformação do centro escolar. Como figuram nas atas, foram realizadas assembleias de familiares, de representantes, dos professores e dos conselhos no terceiro trimestre do ano.

Em seguida preparamos a fase do so-

nho, sonhos que classificamos com a ajuda das famílias numa tarde de junho. Disso resultaram algumas comissões de trabalho que se organizaram de acordo com a classificação dos sonhos. Este processo estava quase concretizado depois de terem sido feitas as visitas mencionadas, onde pudemos conhecer como se organizam as comissões a partir dos sonhos.

Em setembro de 2012, retomamos todo o processo para concretizar as comissões de trabalho baseadas nos sonhos: voluntariado, TIC, infraestrutura, pedagógica, convivência e mágicos. Todas elas coordenadas pela comissão gestora. Durante o primeiro trimestre do ano letivo de 2012-1013, nos organizamos de modo que, realizada a primeira convocatória de cada uma das comissões de trabalho, cada uma tem autonomia para marcar seu próprio calendário e ficou estabelecido que a última sexta-feira de cada mês, durante duas horas, faríamos a reunião da comissão gestora para compartilhar e atualizar o que está sendo feito em casa comissão de trabalho. Além disso, estabelecemos que, em cada conselho escolar, será tratado o assunto de comunidades de aprendizagem, de modo que fique aprovado e ratificado em ata como deve ser cada decisão do conselho escolar.

Durante este primeiro trimestre, realizamos a inscrição das pessoas que querem

ser voluntárias e fizemos sessões de formação com as famílias da escola para que elas conheçam concretamente o funcionamento dos grupos interativos e o voluntariado. Além disso, duas professoras do centro escolar foram à Albacete em novembro para as jornadas de trocas de experiências de centros escolares que são comunidades de aprendizagem. A partir de janeiro, terão início os grupos interativos e as tertúlias literárias dialógicas com os voluntários e voluntárias que cadastramos de acordo com os horários. Portanto, podemos dizer que o processo de mudança está feito e estamos já começando. No final do ano letivo faremos uma avaliação que, certamente, será positiva.

Apesar de ter que superar algumas dificuldades, estamos muito contentes de ter constituído uma comunidade de aprendizagem e ter ao alcance as ferramentas que fazem do nosso centro uma escola compensadora das desigualdades, uma escola solidária, onde educamos pessoas livres e críticas com capacidade de transformar este mundo. Portanto, nós da escola Jaume El Conqueridor de Catarroja, encorajamos os centros escolares para que se transformem em comunidades de aprendizagem e lhes recordamos que podem contar com a nossa experiência como mais um dos centros escolares que já é comunidade de aprendizagem.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. www.wke.es Conselho Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

